



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.
1800-014 Lisboa Portugal
geral@ranchotradicionalcinfães.com

O Carvoeiro

Levantava-se ainda com escuro. Agarrava no enxadão, no saco e no pedão. Amarrava a manga do casaco e metia lá o mastigo para todo o dia. Abria às vacas e tocava-as até ao monte, deixando-as por lá até a noite cair. O carvoeiro de Tendais ganhava o sustento no Perneval e montes vizinhos.

Geralmente era este **o caminho** que seguia: saía de **Cimo de Vila** e subia por Vale de porcos, Alfanar, Penedo do alto da cruz (Tem este nome por causa da



Cimo de Vila

cruz que tem desenhada no seu sopé, rente ao solo. Consta-se que os de Alhões mataram aí um homem, de quem não gostavam e teimava em namorar naquela localidade. Um dia alguns habitantes perseguiram-no e tiraram-lhe a vida ali mesmo. A cruz ficou para assinalar tão funesto acontecimento), Penedo cabeça de cão, Penedo dos casamentos (Era usual e ainda é, atirar pedras para cima dele. Se a pedra lá ficar a pessoa casará breve, se não terá de esperar mais algum tempo), Penedo do pezinho da Senhora e pegada da besta (Penedo que tem umas configurações morfológicas parecidas com o pé de uma pessoa e a pata de um burro), Malhada de cravela, Cabeço dos caibros (Monte que faz de divisória entre o monte de Macieira, o de Moimenta e o de Sobreda), Rodeio dos frangos (Descampado no meio de três elevações onde os pastores vindos de Serra de Estrela rodeavam o gado, à noite, para livrarem os rebanhos do lobo) e finalmente o Perneval.

Diz-se que S. Macário quis construir aí **uma capela**. Foi juntando muita pedra e transportou-a para o cimo do monte. Porém olhou mais ao longe e viu outro monte ainda mais alto. Abandonou a ideia inicial e foi construí-la onde lobrigou maior amplidão: no monte de S. Macário, em S. Pedro do Sul.

No Perneval existe **o tambor**, uma laje grandiosa, encravada a meio de uma mole rochosa que fendeu, provavelmente, por causa de um terramoto. Acede-se-lhe descendo por uma vala da fractura na rocha. Uma vez aí chegados, é necessário procurar um pau de carvalho que os pastores para lá levaram, metê-lo sobre a dita laje e com os pés em cima, em movimentos sucessivos, fazer força de modo a criar oscilação na laje que bate entre o fraguedo, provocando sons ribombantes, tais como os de um tambor. Outrora essa laje saía para fora, debaixo do penedo e era muito mais fácil tocar o tambor, já que não era preciso pau. Os sons criados eram tão intensos que se ouviam do lado de lá do Bestança e chegavam a afugentar os rebanhos reunidos nos rodeios. Os pastores que tinham que reunir as reses tresmalhadas depois de tocado o tambor, partiram a laje, lançando de cima pesadas e contundentes pedras.





Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.
1800-014 Lisboa Portugal
geral@ranchotradicionalcinfães.com

O Perneval não é apenas terra árida e estéril. Aqui semearam outrora o centeio, as gentes de Tendais e de Sobreda, transportando-o depois de cortado em carros de vacas para as eiras de pedra existentes em cada povoação. Os rebanhos de Alhões, Macieira, Sobreda, Sobrado e Moimenta, repartiam entre si os pastos.

Entre a flora sempre abundou e continua a abundar a **urze vermelha** tanto do interesse dos carvoeiros. As suas tocas uma vez queimadas originavam o **carvão**.



numa saca de serapilheira que levava para trazer o carvão. Metia-as numa **cova** aberta previamente, no solo. Depositava aí as tocas e com uns raminhos de giesta atçava o lume. Depois de aceso tapava a cova com lousas de pedra e torrões, abafando as tocas e deixando-as a arder em combustão lenta durante, pelo menos vinte e quatro horas. O melhor carvão obtinha-se através de uma combustão de três ou quatro dias. Por vezes a necessidade económica obrigava a abreviar o tempo de combustão. Então o carvoeiro ia de manhã e vinha à noite carregado com o negro tesouro.

Antes de tirar o carvão da **cova**, o carvoeiro servindo-se de uma lata com água borrifava as brasas apagando-lhe a incandescência e, ainda a fumegar metia-o na saca de serapilheira, pondo-lhe na boca uns raminhos de urze verde atravessados, segurando tudo com um cordel que atravessava de um lado para o outro, permitindo a saída do calor que o carvão ainda levava. Carregava-o às costas até à povoação, embora por vezes apanhasse alguns sustos quando um ou outro carvão ainda aceso lhe queimava as costas.

Era vendido em Boassas e Porto Antigo para ser usado pelos latoeiros e alfaiates, em Mosteirô onde era despachado para o Porto e para Caldas de Aregos, usado nas termas. Era levado pelas mulheres que o transportavam à cabeça. O carvão era vendido ao peso, daí que alguns lhe deitassem água depois de seco para pesar mais. Vendia-se em sacas grandes que pesavam 45 Kg e sacas de conta

Com um **enxadão**, instrumento com um cabo de madeira e uma peça metálica encabada que tem dum lado uma espécie de machada, que servia para cortar os troncos das urzes, e do outro uma enxada estreita que era usada para arredar a terra e as pedras da raiz da urze, de modo a poder arrancar-se mais facilmente. O carvoeiro ia juntando as **tocas** que arrancava





Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.
1800-014 Lisboa Portugal
geral@ranchotradicionalcinfães.com

que pesavam metade. As mulheres que transportavam o carvão para Aregos ganhavam 3\$00 por cada saca grande.

No Verão havia quem passasse a noite no Perneval a fazer o carvão, guardando-o em casa para vender depois no Inverno.

Em Cimo de Vila, **Maria Augusta Correia** dizia aos carvoeiros as sacas que precisava para os seus clientes. Eles traziam-lho a casa e de seguida rogava as mulheres necessárias que a acompanhavam na distribuição do carvão por quem o tinha encomendado. Durante o difícil percurso as mulheres ainda faziam trança de modo a poderem ganhar mais algum.

Era também vendido aos **almocreves** que vinham de Noninha e das Levadas atravessando a região do Paiva em direcção a Penude e a Lamego. Passavam no Cabeço da Estrada onde faziam a transacção. Não raro estes almocreves, em tempo de nevoeiro e fortes nevões tinham de descer a Fermentãos ou a Aveloso, pernoitando por lá até as condições climáticas melhorarem, permitindo a continuação da viagem.

Os carvoeiros também procuravam as tocas para fazer o carvão no **Monte do Rocha** e no de **Sobreda**. Cada um destes montes era aproveitado nas suas várias potencialidades pelas gentes das povoações vizinhas. Quando os carvoeiros se apercebiam que outros andavam no seu monte através do fumo que viam, perseguiam-nos e roubavam-lhe o que tinham conseguido.

Quando a procura era muita e o carvão faltava no monte, encontravam-no no vale do Bestança, na Talisca e nas margens dos ribeiros de Canadas e de Tendais. Aproveitavam a **madeira de carvalho** e de **castanho**. Rachavam-na e faziam o carvão de seguida. Este não tinha comparação com o que era feito com as tocas das urzes vermelhas que durava mais tempo, permitindo ao latoeiro manter o ferro de soldar aceso, todo o dia e ao alfaiate o ferro de engomar as peças de roupa que ia fazendo.

Cimo de Vila, Setembro de 1998

Depoimento de José Augusto Ferreira em “Bestança – Um vale, um rio” de Jorge Ventura

José Augusto Ferreira conta hoje 76 anos e sempre se dedicou à agricultura e à criação de gado. Aparece-nos aqui a fazer um relato sobre a forma de extrair o carvão no Perneval porque durante o tempo em que caminhava com destreza, subiu muitas vezes a serra para fazer umas sacas de carvão que vendia no Cabeço da Estrada aos almocreves de Penude e Lamego que lhe faziam encomenda. Pai de seis filhos encontrou no carvão uma forma de obter dinheiro, numa altura em que havia tão pouco.

Apesar de ter alguma dificuldade de locomoção ainda hoje gosta de subir ao Perneval para mostrar aos filhos e aos netos onde passou tantos dias da sua vida e se possível comer lá uma merenda, enquanto desfruta da maravilhosa paisagem que a todo o redor se avista.

E, como já se vai até lá de carro, no Verão, muitos são os que o procuram para lhes indicar o caminho até ao tambor e os ensinar a tocá-lo.



Rancho Tradicional de Cinfães

Rua Almada Negreiros, Lote Jota 4º Esq.
1800-014 Lisboa Portugal
geral@ranchotradicionalcinfães.com



Cimo de Vila, Abril de 2004
José Augusto Ferreira